

A PROPÓSITO DE UMA CULTURA NEGRA

Adelino BRANDÃO

Há meio século a expressão ainda era admissível e corrente. Hoje não. É certo que quando, no Brasil, começou-se a estudar cientificamente as contribuições trazidas pelos escravos, tanto do ponto de vista racial quanto do social, à falta, quem sabe, de conceitos mais esclarecedores (em face de uma ciência ainda recente), muito se falou (e ainda se fala) nas “culturas negras” no Brasil e no Novo Mundo. A bibliografia é vasta, com obras clássicas e pioneiras, devidas a Nina Rodrigues, Sílvio Romero, Gilberto Freyre, Valdemar Valente, Ulisses Pernambucano, Tales de Azevedo, Artur Ramos, Edison Carneiro, entre outros, e ainda alguns estrangeiros, como Roger Bastide.

Em nossos dias, o conceito merece revisão. Já em fins do século passado, Sílvio Romero observava, com muita agudeza, que o Brasil não possui uma civilização “branca”, nem “preta”, nem “indígena”. Nossa civilização - escreveu o grande crítico e sociólogo - é “mestiça”. Em resultante, igualmente nossa cultura. Isto é, uma síntese ou combinação das culturas europóides, trazidas pelos portugueses (os chamados “arianos” por Oliveira Viana) com as melano-africanas (as tais culturas “negras”), e as nativas (brasilíndias). Em tudo, somos uma nação mestiça: no substrato racial, nas letras, nas artes, na religião, na política, na história, na economia, etc. A classificação nada tem de depreciativa, como quiseram Gobineau, Le Bon, Lapouge, ou os nazistas. Todas as tentativas ou explicações tendentes a separar, distinguir, criar animosidades, preferir uma cultura a outra é preconceituosa, racista, ou fruto da ignorância, quando não da má-fé, por facciosismo político-filosófico.

Mas, dando de barato que os escravos importados da África, em aqui chegando, fossem portadores de um cultura “negra”; no momento

em que puseram os pés em terras do Brasil deixaram de ser agentes de uma cultura específica, “negra”, para se tornarem agentes da nova cultura à qual tiveram que se adaptar, submeter, acomodar - a “cultura brasileira” -, mestiça, que há quinhentos anos vem deixando de ser portuguesa, negra ou índia. Assim, para se entenderem e se fazerem entendidos dos outros escravos, dos amos e dos demais membros da sociedade dos senhores, foram obrigados a entender e falar a língua portuguesa do Brasil. Até hoje. Não conheço nenhum romancista, contista, poeta, ensaísta brasileiro, considerado “negro”, que tivesse produzido qualquer obra em outra língua que não a portuguesa. Eis os exemplos de Cruz e Souza, de Lima Barreto, do bispo Dom Silvério (que pertenceu à Academia Brasileira de Letras) ou José do Patrocínio. Que teriam eles produzido se tivessem teimado em ficar no estreito mundo cultural das tribos afro-negras de seus antepassados? Não há nenhuma editora que se interesse em lançar obras literárias, de negros brasileiros, escritas em dialetos africanos...

Supondo, ainda, que, na África, ao tempo da escravidão, existisse uma cultura “negra”, e que esta cultura tivesse vindo com os escravos para o Brasil, cumpre perguntar: como definir essa cultura? Os escravos que recebemos eram, na maioria, oriundos de um destes dois grandes melano-africanos: ou sudaneses ou bantos (bantus). Os bantos compreendiam os chamados angolas, congos, cabindas, benguelas, etc. E os sudaneses (da região do Sudão, hoje uma república islâmica) compreendendo os nagôs ou iorubas, importantes na Bahia, estudados por Nina Rodrigues no século passado. Pois bem: os sudaneses falavam e escreviam em árabe e ainda hoje são muçulmanos. Trouxeram o “Corão” para o Brasil e aqui continuaram praticando seus ritos islâmicos. Ora, o árabe nunca foi camita (isto é negro), Maomé não era preto, nem camita; o Islã não é uma religião negra. A cultura árabe, como a hebraica (judeus) é semítica, a partir da língua, importante complexo cultural definidor das culturas. Como é que vamos chamar de “cultura negra” uma cultura que, em suas bases, é árabe, ou não-negra?

O equívoco de todas essas entidades que vivem a gritar pela valorização da cultura negra no Brasil é fruto de uma ignorância espantosa. E atrevida. Se desejassem resgatar a “cultura negra”, teriam que começar pelo resgate da cultura árabe-islâmica, que catequizou a África e as Índias muito antes de Vasco da Gama e São Francisco Xavier passarem por lá.

Se observarmos os grupos bantus, a dúvida é mais cruel. As tribos do chamado grupo bantu, na África, falavam cerca de seiscentos dialetos diferentes. Nenhuma entendia a outra. No Brasil, os escravos ou se entendiam em português, ou criavam um “patois” (linguagem mestiça) para se comunicarem. Além disso, os portugueses nunca agrupavam os escravos da mesma origem tribal num mesmo lugar para evitar associações que levassem a revoltas. Na África, as tribos se odiavam e trouxeram esses ódios seculares para o Brasil.

No século XIX, na Bahia, ao tempo de D. João VI, os pretos que não eram muçulmanos nem malês, foram massacrados pelos irmãos negros que se rebelaram contra os brancos, num movimento sério, conduzido por escravos de crença maometana, que detestavam os escravos cristãos.

Supondo que uma cultura negra seja aquela correnteia na África, convém ainda refletir que na África do Sul moderna predomina a língua inglesa, costumes e ordenamentos jurídicos ingleses, enfim uma cultura inglesa, que não é negra. Na África Equatorial, no Zimbábue ou no Senegal, a língua francesa e a cultura francesa são fortíssimas; na África do Norte, o espanhol, o italiano, o alemão e o árabe (principalmente) são as culturas de mais relevo. Nenhuma negra.

Políticos e entidades auto-denominadas “negras”, no Brasil, que não praticam nem o árabe, nem o inglês, nem o italiano, nem o alemão, nem o hebraico e, às vezes, falam e escrevem muito mal o português, ficariam admirados se, acaso visitando países tidos como “negros” na África, não encontrassem lá nem candomblé, nem ubanda, nem xangô, nem babaçûê, nem tambor de mina, nem pará, nem batuques de Santa Bárbara, nem maracatu, nem o jogo da capoeira, nem o samba, nem caruru, nem vatapá, nem xinxim de galinha, nem tacacá, nem bumba-meu-boi, etc., que consideramos típicas manifestações do folclore “negro” ou da “cultura popular negra”, que tanto valorizamos aqui. E se acaso encontrassem, teriam sido levadas do Brasil para lá. Em suma, são aspectos da cultura brasileira, mestiça, mista, sincretizada, sintetizada do branco, do preto, do índio. Jamais, “exclusivamente” desta ou daquela.